



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA — UnB
INSTITUTO DE LETRAS — IL
DEPARTAMENTO DE TEORIA E LITERATURA — TEL

CATHARINE AFFIUNE DOS SANTOS

**O SIMBOLISMO DA MEMÓRIA PORTUGUESA NA OBRA MEIA HORA PARA
MUDAR A MINHA VIDA DE ALICE VIEIRA**

BRASÍLIA – DF
2020

CATHARINE AFFIUNE DOS SANTOS

**O SIMBOLISMO DA MEMÓRIA PORTUGUESA NA OBRA MEIA HORA PARA
MUDAR A MINHA VIDA DE ALICE VIEIRA**

Monografia apresentada ao Instituto de Letras da Universidade de Brasília como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Letras e Respectiva Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Lúcia Helena Marques Ribeiro

BRASÍLIA – DF

2020

RESUMO

É propósito deste trabalho analisar os elementos simbólicos referentes à cultura e à memória portuguesa na obra *Meia hora para mudar a minha vida*, de Alice Vieira, associando tal representação ao conceito de identidade nacional e discutindo sua propositura dentro da literatura infanto-juvenil.

Palavras-chave: *Memória portuguesa. Cultura. Literatura infanto-juvenil.*

ABSTRACT

This essay aims to analyse the symbolic elements related to Portuguese culture and national memory in Alice Vieira's *Meia hora para mudar a minha vida*, correlating such representation with the concept of national identity and discussing its purpose within children's and youth literature.

Keywords: *Portuguese culture. National memory. Children's literature.*

Agradecimentos

Agradeço, sobretudo, à minha mãe — minha principal apoiadora e uma das únicas pessoas a quem amo incondicionalmente. Agradeço também à minha orientadora, a professora e doutora Lúcia Helena Marques, por todo o apoio e pelas palavras de sabedoria, que vieram sempre nas melhores horas e, sem as quais, essa monografia não seria possível; às minhas colegas de graduação Laís Ribeiro e Franciny de Oliveira, por toda a sororidade e companheirismo; e ao meu melhor amigo e companheiro para a vida, Rafael Pufal, por sua paciência, cumplicidade e carinho, elementos tão caros a mim e essenciais à minha vida, especialmente durante o meu curso de graduação.

Epígrafe

“Há cheiros da infância que não morrem nunca, nem sequer envelhecem como a nossa pele.”

Alice Vieira

Sumário

1. A narrativa de Alice Vieira	7
2. Literatura e nação narrada	12
3. O simbolismo da memória na obra meia hora para mudar a minha vida de Alice Vieira	15
4. Conclusão	17
5. Referência bibliográficas	18

1. A NARRATIVA DE ALICE VIEIRA

A literatura infantil pode ser considerada um tema relativamente recente dentro da Teoria e Crítica Literárias, posto que sua origem e proposição parecem estar relacionadas a uma preocupação com a infância — noção esta que apenas veio a existir quando, dentro da evolução como um todo das sociedades, passou-se a entender a criança não como um adulto em miniatura, mas como um ser em outra fase da vida, com particularidades e complexidade próprias. Conforme entendimento de Hunt (2010) tão recente é a discussão, que mesmo atualmente, já em meados do século XXI, é possível encontrar grandes impasses dentro do âmbito literário a respeito do que deve ou não ser considerado e estudado dentro desse recorte.

Dessa forma, deve-se compreender que fazer literatura para crianças é um trabalho árduo, tanto pela profundidade de questionamentos que esse estágio da vida requer, para que seja bem compreendido por aquele que se propõe a escrever, quanto pela incerteza em relação ao local ao qual é destinada tal literatura dentro das discussões acadêmicas. Por isso, ao longo do tempo foram desenvolvidas inúmeras metodologias e abordagens diferentes para a contação de histórias infantis. Existem, portanto, diferentes maneiras de pensar tal literatura, bem como diferentes opiniões acerca de como, para quê e desde quando realizá-la, entre outras questões.

É possível exemplificar, de acordo com Bettelheim (1980) uma dessas abordagens com os contos de fadas e as fábulas, podendo considerá-los, provavelmente, as formas mais conhecidas de se criar narrativas para crianças. Essas histórias que conhecemos desde pequenos e que ajudam a moldar a estrutura do ser que está na infância para, futuramente, enfrentar a vida adulta, muitas vezes possuem como cerne a intenção de produzir uma narrativa de advertência. Assim, são passados, por intermédio do lúdico e de elementos fantásticos, ensinamentos acerca dos problemas da vida adulta, dos perigos do mundo e de ideais de conduta social, que em sua maioria refletem o contexto histórico e social em que a história é produzida.

À luz dessa problemática, há certas discussões na Literatura que argumentam que a melhor forma de produção literária para crianças é aquela que leva em consideração, primeira e principalmente, a fragilidade e a inocência tanto intelectuais quanto psicológicas deste público. Neste viés, seria preciso “proteger” os leitores de determinados temas, restringindo, dessa maneira, diversos aspectos inerentes da

experiência de leitura da literatura. Tal pensamento parece vir de um lugar que entende o público infantil de duas formas: A primeira compreende que as histórias produzidas para crianças não exigem a mesma complexidade intelectual que aquelas destinadas a adultos, e portanto não devem dividir o mesmo rigor de estudo, de produção estética, filosófica etc; Enquanto a segunda parte do princípio de que a mente infantil ainda não está apta a lidar com a severidade dos assuntos “da vida adulta”, e por isso deve ser poupada deles atendo-se somente ao imaginário fantástico e à trivialidade temática. Peter Hunt (2010), em *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*, ilustra bem o cenário de debate do tema em relação à primeira forma:

...para muitos acadêmicos, a literatura infantil [...] não é um assunto. Seu próprio tema parece desqualificá-la diante da consideração adulta. Afinal, ela é simples, efêmera, acessível e destinada a um público definido como inexperiente e imaturo. Não é, como certa vez um professor universitário me disse, “um assunto adequado ao estudo acadêmico”. Para o leigo, vincular a cálida e amigável atividade de educar e divertir crianças a qualquer espécie de teoria é como destruir esse prazer.¹

A literatura de Alice Vieira possui uma configuração particular dentro do espectro infanto-juvenil, uma vez que propõe nele um equilíbrio há muito necessário. Isso porque sua obra apresenta uma evidente preocupação com a delicadeza da psique infantil, levando em consideração a importância da fantasia e do campo metafórico para a abordagem e a solução de problemas, ao mesmo tempo que respeita a perspicácia e a capacidade de entendimento próprias das crianças. São ilustrativas desse conjunto de questões as diversas temáticas abordadas destemidamente em suas obras, que, envolvidas nestas pelo manto literário que naturalmente compõe a construção narrativa, nos trazem histórias sobre a maternidade, os vínculos familiares e a estrutura do lar, a amizade, o luto, o amadurecimento, a pátria e até mesmo a vida e a morte.

Dessa maneira, é possível observar, na obra de Alice Vieira, um entendimento de que o público jovem e infantil é inteligente e capaz de entender assuntos de natureza complexa e, muitas vezes, dura. Seus personagens são capazes, na maioria das situações, de distinguir o certo do errado, além de entenderem aquilo que está

¹ HUNT, Peter. *Crítica, teoria e literatura infantil*. São Paulo: Cosac Naify, 2010, p. 28.

sendo conversado pelos adultos. Em outras palavras, a autora parece compreender que não é necessário poupar o jovem leitor de determinados temas — basta abordá-los de maneira equilibrada.

As narrativas da autora são construídas levando essa problemática em consideração. Pode-se perceber tal intenção em várias de suas obras como *Os olhos de Ana Marta*, em que a protagonista é confrontada pela distância afetiva de seus pais devido à morte prematura de sua irmã; *Rosa, minha irmã Rosa*, em que, além de compreender e lidar com as lembranças de sua avó falecida, a protagonista se depara com a chegada de uma irmã mais nova, passando a dividir pela primeira vez o afeto e o espaço familiar. Além da própria obra *Meia hora para mudar a minha vida*, na qual são trabalhadas questões delicadas, como o real conceito de família e o que pode ser considerado um ambiente familiar apropriado, o abandono parental e a orfandade na infância. Todos esses temas são abordados pela autora de maneira a não poupar o leitor de tais questões, mas sim construí-las a partir do olhar de uma criança, proporcionando uma visão mais amena e familiar delas. Assim, são utilizados recursos como o resgate de contos de fadas, do folclore e de histórias infantis populares do imaginário português.

É possível encontrar, em *Os olhos de Ana Marta*, por exemplo, uma materialização desses recursos na composição do engajamento narrativo. Desde o início da obra, o leitor é apresentado a uma protagonista que tem de lidar com o distanciamento físico e emocional dos pais, que apesar de serem seus guardiões legais, não participaram de fato de sua criação, nem de boa parte de seus primeiros anos. Entretanto, apesar do evidente afastamento de ambos, é a ausência da mãe de Marta que provoca o maior impacto na infância da menina, que quase crê terem trocado-lhe de mãe na maternidade. Devido à “doença” e à inabilidade de interação da mãe, bem como ao segredo guardado por todos na família, Marta cresce num ambiente frio e solitário sem entender o motivo, o qual só lhe é revelado no final da obra. Isso faz com que a real figura materna para a menina se concretize em Leonor — a velha empregada da família —, que é quem representa efetivamente para ela o carinho e a presença familiares. Diante desse cenário, Leonor é responsável por auxiliar Marta (assim como cuidou de seu pai, quando era pequeno) a atravessar a jornada da infância como qualquer outra criança: por meio da imaginação e da criatividade. Dessa forma, a protagonista entra em contato com as histórias, personagens e mitos contados por Leonor, os quais constroem a base fundamental

para que Marta compreenda e lide com os problemas de sua família (e do mundo afora) ao longo da história.

Percebe-se aí a aplicação de um estilo perspicaz para solucionar as temáticas abordadas pela obra. Ao narrar tanto as dificuldades vividas pela personagem no âmbito familiar e fora dele, quanto o engajamento dela com as histórias e o imaginário fantasioso, a autora parece apresentar tais situações como ferramentas correlatas e interdependentes, tratando-as como os dois lados de uma mesma moeda. Por um lado, a convivência com histórias que estimulavam sua imaginação e a transportavam para um mundo de fantasia foi de caráter essencial para que Marta enfrentasse as dificuldades da vida real, filtrando a dureza da realidade que a assola. Por outro, o apreço de Marta por essas histórias jamais interfere na sua capacidade de pensar criticamente o que acontece ao seu redor, ainda que da perspectiva de uma criança. Pelo contrário: é a partir das histórias populares e imaginadas de Leonor que a menina começa a se questionar acerca de tudo isso. Afinal, quem realmente é o famoso objeto das saudades de Leonor, trazido à vida na história do caubói Touro Sentado? Será que um dia Marta também encontrará sua verdadeira mãe, tal qual Príncipe Graciano? Por que Leonor fora despedida após contar-lhe sobre a Grande Fatalidade? É por meio de artifícios como esses que Alice Vieira constrói o processo identitário de uma personagem ainda envolvida por tudo que a infância representa.

Há uma configuração semelhante na obra *Rosa, minha irmã Rosa*, a qual propõe o mesmo senso de equilíbrio. Mariana é também uma menina de dez anos lidando com os impasses do círculo familiar e do amadurecimento. Ao tomar conhecimento do nascimento de sua irmãzinha, Rosa, a menina é tomada por um turbilhão de diferentes sentimentos, em especial a frustração em ter de dividir o espaço e o carinho dos pais com outra criança, e a saudade que sente da atenção deles, agora voltada à recém-nascida — em essência, o ciúme, com o qual tem de lidar pela primeira vez. Além disso, Mariana sente-se confusa, a princípio, quanto a seus próprios sentimentos em relação à irmã, o que faz com que ela interprete toda a situação como negativa. É possível perceber tal confusão nos fluxos de consciência da personagem, em trechos como “A minha irmã nasceu há quatro dias. É muito feia, tem a cara toda às rugas e eu ainda não estou muito certa se gosto dela ou não” (p. 15) e “Neste momento ainda não sei se a minha irmã que nasceu há quatro dias vai pertencer à minha família” (p.17).

Em meio a isso, é preciso observar que Mariana, apesar de possuir uma realidade diferente da de Marta, também cresce ouvindo histórias. As histórias de sua falecida avó Lídia, ainda que não possuíssem os elementos fantásticos típicos dos contos de fadas, ajudavam a menina a compreender o mundo na medida em que espelhavam situações corriqueiras e envolviam pessoas comuns, muitas vezes protagonizando a própria avó. Acima de tudo, as histórias de Lídia representaram um marco para Mariana porque também não possuíam uma preocupação em omitir as partes ruins dos tempos de infância:

Porque, ao contrário do que as pessoas crescidas costumam fazer, a avó Lídia não escondia de mim os disparates e as coisas más da sua infância. Jamais lhe ouvi dizer “eu nunca menti”, ou então “eu nunca desobedeci aos meus pais”, como a tia Magda constantemente me diz, sabendo eu tão bem que é aldrabice...²

Muito há a se observar a respeito da temática da identidade nas obras de Alice Vieira. Em vista disso, é preciso atentar-se para outro aspecto igualmente distintivo em suas obras — a representação da cultura, da história e memória portuguesas. É possível observar elementos representativos dessa cultura e da história de Portugal, combinação tratada aqui como memória nacional portuguesa, em diversas outras obras da autora. Em “Meia hora para mudar a minha vida” também não é diferente: a memória portuguesa permeia a obra, do cenário aos personagens.

² VIEIRA, Alice, *Os olhos de Ana Marta*. Alfragide: Editorial Caminho, 1990, p. 24.

2. LITERATURA E NAÇÃO NARRADA

A relação entre a nação portuguesa e a representação do povo português na literatura é antiga. É possível perceber tal relação desde Fernão Lopes, passando por Gil Vicente, Camões, Alexandre Herculano, Eça de Queirós até Fernando Pessoa, José Cardoso Pires ou Saramago — todos autores cujas narrativas estão, de uma forma ou de outra, narrando a nação, ainda que com diferentes abordagens e filosofias. É possível perceber, também, a evolução dos modos de pensar essa identidade.

De acordo com Stuart Hall (2006), aquilo que conhecemos como identidade é um fator essencialmente fragmentário. Nas palavras do autor, isso significa que a identidade não consiste em uma característica inerente aos seres humanos, mas sim, um processo construído por eles organicamente por meio de diversas ferramentas. Contudo, pensamos tal identidade como, efetivamente, parte de nossa “natureza essencial”. Nas palavras do autor, uma dessas ferramentas é, justamente, a representação cultural:

A nação não é apenas uma entidade política, mas algo que produz sentidos — um sistema de representação cultural. As pessoas não são apenas cidadãos/ãs legais de uma nação; elas participam de uma *ideia* da nação tal como representada em sua cultura nacional. Uma nação é uma comunidade simbólica (...)³

Dessa forma, é por meio de tal representação que se constroem os sentimentos de identidade, pertencimento e lealdade à pátria. Esse processo de construção e produto, que também ocorria desde muito antes da era pré-moderna em comunidades tribais e em povos de diferentes regiões e adeptos de diversas religiões, ressignificava-se na sociedade ocidental moderna e pós-moderna como cultura nacional. Tal processo é, portanto, responsável pela homogeneização das culturas e das instituições culturais nacionais. Entretanto, ainda conforme as ideias de Hall, a cultura nacional não consiste apenas em um conjunto instituições culturais — é também feita de discursos, ou seja, modos de pensar específicos que influenciam concretamente em nossas ações e refletem a maneira como compreendemos a nós mesmos.

³ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2006. p. 49.

Por fim, Hall sugere que há determinados elementos por meio dos quais é construída a narrativa da cultura nacional. Dentre eles, protagonizam os seguintes: A narrativa da própria nação, presente nas histórias contadas de geração a geração, na literatura, na mídia e na cultura popular; A ênfase e o caráter imutável das origens, continuidade, tradição e atemporalidade dos elementos nacionais essenciais; A tradição, ou seja, o conjunto de práticas rituais e simbólicas que sugerem valores e crenças por meio de determinados comportamentos; e o mito fundacional, que consiste em uma história que remeta as origens de um povo a um passado distante, de maneira a conferir um caráter mítico e heroico à nação.

Assim, analisando a história portuguesa a partir dos elementos fundamentais das culturas nacionais propostos por Hall, é possível perceber que, essencialmente, os sentimentos de lealdade, identidade e pertencimento do povo português derivam de uma herança de tradições que permanecem imutáveis, não importando as mutabilidades históricas, bem como de uma trajetória secular de ascensões, quedas e persistência permanentemente canonizada pela literatura. Portanto, é possível perceber, desde a escritura do próprio mito fundacional português, consolidado na épica camoniana *Os Lusíadas*, a qual canta a construção do império e as glórias de Portugal, até a poesia moderna de Fernando Pessoa, por exemplo, a qual procura relembrar a grandiosidade nacional, que Nação e Literatura nasceram juntas para o povo português.

Traçando um panorama histórico, conforme José Hermano Saraiva em *História concisa de Portugal*, a expansão cultural portuguesa se deu ao mesmo passo em que ocorria uma internacionalização das relações econômicas e culturais durante o século XVI. A intensificação de tais relações, a nível de expansão internacional, conseqüentemente iniciou um processo de importação das modas literárias predominantes na Antiguidade Clássica. Surgem, então, na literatura portuguesa, os primeiros sonetos, elegias, odes etc., derivados do cânone literário grego e romano. Segundo o autor, pode-se afirmar que a engrenagem de todos esses fatores foi, portanto, a responsável por lançar a literatura portuguesa no espaço cultural europeu, tornando conhecidas mundo afora as conquistas de Portugal.

Diante de tal cenário cultural, é relevante lembrar que, desde a consolidação de Portugal como uma nação independente, foi desenvolvida aos poucos uma crença de grandiosidade da nação devido às grandes conquistas do povo português, tais como as vitórias contra as invasões mouras e a expansão marítima proporcionada

pelas Grandes Navegações. Uma vez que tamanhas conquistas se tornaram conhecidas mundo afora, essa consciência épica e sensação de grandeza se consolidaram de tal forma na cultura portuguesa que passaram a compor a narrativa de identidade nacional do país, ainda que sofrendo diversas metamorfoses históricas ao longo de sua existência.

3. O SIMBOLISMO DA MEMÓRIA NA OBRA MEIA HORA PARA MUDAR A MINHA VIDA DE ALICE VIEIRA

Em *Meia hora para mudar a minha vida*, Alice Vieira faz referência e protagoniza elementos simbólicos e canônicos portugueses, tanto da cultura popular (evidenciada pelos times de futebol, por exemplo) quanto da própria história do país de forma recorrente, e dá especial atenção aos autos de Gil Vicente, considerando o importante papel do teatro na narrativa. Na história, Branca é uma garota que, abandonada pelo pai, nasceu imersa no universo do teatro, encontrando acolhimento e refúgio na comunidade teatral onde vive com a mãe. Durante sua infância na Feira, Branca vê sua mãe enfrentar diversas dificuldades relacionadas à maneira com que a está criando, temendo principalmente a iminente ameaça de ter a filha levada para um lar mais “estável” e tradicional. Após a morte da mãe, Branca é levada para morar com a avó, com quem nunca teve contato, e quando completa dezesseis anos, em vez de aceitar a proposta de ir viver com o pai, que finalmente a procura, toma a importante decisão de retornar à Feira, a única família da qual realmente fez parte.

É certo que grande parte da narrativa se desenvolve em torno desse núcleo, que representa, para a protagonista, o primeiro contato com os ensinamentos acerca do mundo, uma vez que os personagens da Feira, bem como seus costumes e vivências fizeram parte de sua criação. Mais do que isso: é a primeira vez que Branca experimenta uma vivência, de fato, em família. Além disso, a comunidade de atores/artistas em que Branca cresce constantemente reforça um ideal que valoriza a cultura portuguesa: “Para lá ficar era só preciso não ter medo do trabalho, amar Gil Vicente sobre todas as coisas (mesmo não sabendo muito bem quem ele era), obedecer a Mercúrio — e não ser do Sporting”⁴

A dinâmica em que vivem os moradores da Feira envolve uma série de costumes e símbolos que os identificam e os unem como partes de um lugar-comum: ser português. São bastante explorados na narrativa, como elementos ou símbolos principais: A casa (a “Feira”), onde moram e se apresentam teatralmente Branca — a mãe da protagonista —, e os demais artistas; O time de futebol Benfica; O bairro em que habitam e os costumes de toda a gente; e, claro, os autos de Gil Vicente. Tais

⁴ VIEIRA, Alice. *Meia hora para mudar a minha vida*. 2ª edição, 2015, p. 33.

elementos podem ser considerados símbolos portugueses a partir do momento que fazem referência a um modo de ver e viver tipicamente português.

A Feira desempenha o papel de principal unidade de espaço dentro da narrativa, o que revela e acentua consideravelmente a carga de significado de sua localização. O local onde a casa se encontra possui forte significado de resgate memorial e nacionalismo, pois remete aos primórdios do povo português, e também a um de seus maiores orgulhos, as empreitadas marítimas, além de empregar um grande ícone português relacionado a essa historicidade — o rio Tejo:

A casa ficava no meio de um bairro popular da cidade, no alto de uma colina, mesmo ao lado de um miradouro onde se dizia que, em tempos muito antigos, as mulheres iam dizer adeus aos marinheiros que partiam para as descobertas — e esperar por eles no regresso. Via-se o Tejo ao fundo e, desde o primeiro espetáculo, a casa caiu nas boas graças da vizinhança, que, a partir daí, sempre se encarregou de encher a sala.⁵

Os aspectos mais contemporâneos e corriqueiros, como o futebol, a lanchonete e o bairro, bem como os costumes e rotina típicos de seus moradores também são desenvolvidos de modo a representar culturalmente espaço e personagens, principalmente devido à natureza ritualística desses hábitos, que são de extrema importância para todos que, na história, lá habitam durante toda a vida. Em “A Feira tinha um azulejo na parede a dizer VIVENDA MASCARENHAS (ao lado de outro, muito pequenino, onde lia Mora aqui um Benfiquista” (p. 43), é possível perceber a importância desses aspectos culturais na vida dos personagens uma vez que se entendem, acima de tudo, portugueses.

⁵ VIEIRA, Alice. *Meia hora para mudar a minha vida*. 2ª edição, 2015, p. 35-36.

4. CONCLUSÃO

Em vista dos argumentos previamente apresentados, pode-se concluir que a obra *Meia hora para mudar minha vida*, da autora Alice Vieira, é, entre outras coisas, uma representação e, quiçá, uma ode aos elementos canônicos portugueses, que há muito são retratados na literatura do país. Essa característica torna a obra de Alice Vieira, portanto, parte do conceito de literatura e nação narrada, mais especificamente em Portugal. Além disso, conclui-se que a obra pretende tornar tal conceito parte da formação intelectual a que aspira a literatura infanto-juvenil, de maneira a transmitir às próximas gerações de leitores, sobretudo as de jovens portugueses, toda a tradição e memória cultural portuguesa que retrata.

5. REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

HUNT, Peter. *Crítica, Teoria e Literatura Infantil*. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

SARAIVA, José Hermano. *História concisa de Portugal*. 13ª ed. Portugal: Publicações Europa-América, LDA, 1989.

BETTELHEM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VIEIRA, Alice. *Os olhos de Ana Marta*. 1ª ed. Alfragide: Editorial Caminho, 1990.

VIEIRA, Alice. *Rosa, minha irmã Rosa*. 1ª ed. Alfragide: Editorial Caminho, 1980.

VIEIRA, Alice. *Meia hora para mudar a minha vida*. 2ª ed. Alfragide: Editorial Caminho, 2010.